

Bizâncio em foco: a historiografia produzida sobre Procópio de Cesaréia

LYVIA VASCONCELOS BAPTISTA¹

Procópio de Cesaréia acompanhou as guerras de Justiniano contra os “bárbaros do Ocidente e do Oriente”, atuou como “conselheiro” do general Belisário e iniciou, aproximadamente em 550 de nossa Era, a escrita da *História das Guerras*. A obra está dividida em oito livros e foi publicada, inicialmente, com sete. Aproximadamente em 552, um oitavo livro foi anexado, oferecendo novas informações sobre todo o conteúdo apresentado anteriormente. Os livros I e II formam a primeira parte da obra, intitulada *Guerra Persa* e narram os acontecimentos de 491 a 549, considerando as digressões iniciais. A segunda parte é composta pelos livros III e IV, denominada *Guerra Vândala* e descreve os acontecimentos de 395 a 548. A terceira parte, intitulada *Guerra Gótica*, narra os acontecimentos de 475 a 551 e comporta os livros V, VI e VII.

A narrativa que elabora funciona como modelo para alguns de seus contemporâneos e escritores posteriores. Procópio é citado com admiração por muitos autores e usado como fonte para a maioria das *historias* bizantinas. Agatias de Mirina², escrevendo no século VI, destaca a *acribia* com a qual Procópio elabora a sua narrativa, afirmando que, “como a maioria dos eventos do reino de Justiniano foi, com precisão [ἐς τὸ ἀκριβῆς], relatada por Procópio, retórico [ρήτορι] de Cesaréia”³ é possível dispensar a necessidade de informar sobre os assuntos já abordados e partir para uma narrativa completa dos eventos posteriores (AGATIAS. *Histórias*, pr.22). Ainda no final do século VI, Evágrio⁴ qualifica muito positivamente a forma como “Procópio,

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista CAPES.

² Agatias nasceu aproximadamente em 532, na cidade de Mirina. De 551 a 555 ele se dedicou aos estudos jurídicos, em Constantinopla (TREADGOLD, 2010: 279-280). Sua obra é conhecida principalmente pela compilação, por volta de 568, de uma reunião de epigramas com um prefácio próprio, geralmente, denominada simplesmente *Ciclo* (κύκλος) que sobreviveu parcialmente nas antologias Palatina e Planudeana. Sobre o *Ciclo*, consultar: CAMERON, Averil; CAMERON, Alan. The Cycle of Agathias. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 86. pp. 6-25, 1966. Agatias também escreveu uma *História* dos acontecimentos de seu período, possivelmente, continuando a obra de Procópio *História das Guerras*.

³ “τὰ μὲν γὰρ πλεῖστα τῶν κατὰ τοὺς Ἰουστινιανοῦ χρόνους γεγενημένων ἐπειδὴ Προκοπίῳ τῷ ῥήτορι τῷ Καισαρείᾳθεν ἐς τὸ ἀκριβῆς [precisão] ἀναγέγραπται” (AGATIAS. *Histórias*, pr. 22).

⁴ Evágrio nasceu na Síria, por volta de 536. Terminou, em 594, a composição dos seis livros de sua *História Eclesiástica*, na qual além de documentos da Igreja, fontes orais e seu próprio testemunho, ele cita Eustathius, Malalas, Zacharias de Mitilene e Procópio (TREADGOLD, 2010: 306).

diligentíssimo [Φιλοπονώτατα], elegante [κομψῶς] e habilidoso [λογίως], expôs os eventos da Guerra entre Romanos e Persas [...]”⁵ (EVAGRIO. *História eclesiástica*. IV, 12). No século VII Teofilato Simocatta⁶ cita Procópio remetendo a ele a autoria dos conteúdos abordados acerca do conflito do império de Justiniano contra os Persas⁷ (TEOFILATO SIMOCATTA. *Histórias*. II. 3, 13).

Além desses exemplos, em outros autores, a referência a Procópio aparece muito claramente ou moldando a exposição do conteúdo; ou funcionando como fonte para a argumentação. A fama dos escritos de Procópio se estendeu para muito além das fronteiras da capital do império e dos marcos do século VI.

Os manuscritos principais na reconstrução do texto da *História das Guerras* são quatro: G = *Vatic. graec.* 1001 (I 7, 23-II: ff. 51-87); O = *Vatic. Ottobonianus graec.* 82 (III 4, 38-IV: ff. 85 – 145); P = *Paris. Graec.* 1702 (I-IV: ff 1-190); V = *Vatic. graec.* 152 (I-IV: ff. 1-141), datados do século XIV. Seguidos de outros menores no século XIV, k = *Marc. Venet.* 398; no século XV, c = *Paris.graec.* 1699; no século XVI, d = *Monac. Graec.* 513 e y = *Scorial.* Y I 8 (GARCIA ROMERO, 2000: 20).

Segundo Maria K. Kalli, o século XIV é emblemático para a produção dos primeiros códices, porque indica uma demanda por manuscritos e, conseqüentemente, um maior interesse pelos textos historiográficos bizantinos. Após a fragmentação no ensino dos clássicos, com a ocupação latina de Bizâncio, em 1204, parece haver uma retomada na produtividade cultural e intelectual, principalmente em direção aos modelos clássicos, denominada pela historiografia como “Renascimento Paleólogo”. A produção de manuscritos nesse período consagrou tanto autores seculares quanto religiosos e “revela um sério interesse na exploração do passado clássico e uma consciência da necessidade de transmitir as realizações da cultura Helênica e Cristã para as gerações futuras”

⁵ “Φιλοπονώτατα τοιγαροῦν κομψῶς τε καὶ λογίως ἐκτέθειται τῷ αὐτῷ Προκοπίῳ ἃ δὴ πέπρακται ὑπὸ Βελισαρίῳ στρατηγούντι τῶν ἐφῶν δυνάμεων Ῥωμαίοις τε καὶ Πέρσαις πρὸς ἀλλήλους πολεμοῦσι” (EVAGRIO. *História eclesiástica*. IV, 12).

⁶ Teofilato Simocatta possuía uma carreira legal e provavelmente estudou direito na escola de Constantinopla. Na capital ele conquistou uma reputação como homem literato e erudito, entre as suas obras estão: *Problemas de História Natural*, um pequeno texto sobre curiosidades científicas, *História Ecuemênica*, com oito livros, dedicada ao patriarca Sérgio de Constantinopla, contando com um diálogo entre as personificações da filosofia e da história. Sua *História* é concluída por volta de 631 (TREADGOLD, 2010: 331). Sobre o contexto literário de Teofilato, ver: FRENDO, Joseph D. C. History and Panegyric in the Age of Heraclius: The Literary background to the composition of the “Histories” of Theophylact Simocatta. *Dumbarton Oaks Papers*, v.42, p. 143-156, 1988.

⁷ “καὶ ταῦτα Προκοπίῳ τῷ συγγραφεῖ ἐν τῷ πτυκτίῳ τῆς ἱστορίας ἐγγέγραπται” (TEOFILATO SIMOCATTA. *Histórias*. II. 3, 13).

(KALLI, 2004: 149). Os manuscritos foram copiados e estudados por homens ligados, principalmente à Igreja e ao direito, que se consideravam uma espécie de “guardiões da *paideia* grega” (KALLI, 2004: 149). Guglielmo Cavallo (2006: 72-73) caracteriza essa fase com a expressão *fièvre de classicisme*, exemplificando o crescimento da produção de manuscritos e a preocupação com a tradição clássica a partir não apenas da produção de manuscritos, mas da prática da indicação e correção de erros, restauração, revisão e acréscimo de notas de leitura. Mas, principalmente, a leitura intensiva das obras eruditas aumenta na mesma medida das cópias, uma vez que elas não eram operações mecânicas e, portanto, exigiam um alto nível de interação entre o autor e o leitor. Particularmente no caso dos autores clássicos e das obras eruditas de circulação no Império, uma cópia somente era feita por um leitor amplamente instruído, um homem conhecedor da tradição literária e da retórica, que conseguiria ter plena apropriação do texto. O trabalho de cópia poderia ter fins diversos, desde o melhoramento do próprio estilo do copista até a ampliação de uma memória erudita. Segundo Cavallo (CAVALLO, 2006: 77-80), no contexto bizantino, a leitura por intermédio da cópia erudita culmina em dois caminhos, um primeiro que leva à *mimesis* literária e um outro que leva à elaboração de edições de obras da Antiguidade para publicação. Tais posturas, entre a composição de obras em estilo clássico e a edição de autores antigos, ocorrem em grande escala na época dos Paleólogos, juntamente com a ampliação da prática de colecionar livros por parte dos eruditos mesclada à leitura e escrita.

Já na modernidade, primeira edição impressa da *História das Guerras* foi publicada por David Hoeschelius, em 1607, em Augsburg, tendo como base os manuscritos *Monac. Graec.* 513, do século XVI e *Paris Graec.* 1699, do século XV. A segunda edição foi elaborada por Claudius Maltretus, publicada em Paris no ano de 1662, incluindo uma tradução latina. Para tal empreendimento foram utilizados dois manuscritos: *Vatic. graec.* 152, e *Paris. graec.* 1702, datados dos séculos XIV. Em 1729 a obra de Maltretus foi reimpressa em Veneza. Já em 1833 G. Dindorf utilizou para produzir uma edição da *Histórias das Guerras* as cópias do manuscrito *Vatic. graec.* 152, feitas por Luca Holsten e as edições anteriores.

A edição de Jacob Haury foi lançada em 1905, produzida em Leipzig. Haury utilizou, principalmente, os textos anteriores. Além de suprir algumas deficiências das precedentes, a edição de 1905 possibilitou a construção de uma nova e mais completa

“linguagem” de manuscritos. O anexo tentava dar conta dos primeiros e últimos códices, bem como de um possível arquétipo perdido.⁸ A edição foi novamente lançada em 1962, dessa vez com a participação de G. Wirth. Outra edição importante se deve a Henry Bronson Dewing, por Londres-Cambridge, que se baseia na primeira edição de Haury, para lançar uma obra em 1914-16 e reimpressões em 1961 e 1979, com tradução inglesa. As traduções alemã e italiana ficaram inicialmente nas mãos de O. Veh (1961) e M. Craveri (1977), respectivamente.

Na prática historiográfica procopiana os críticos reconheceram o modelo das histórias gregas da Antiguidade. Tucídides, Heródoto e Políbio são frequentemente sugeridos como seus modelos principais, principalmente pela semelhança, ora com um ora com outro, em relação à abordagem dos testemunhos, à exposição do conteúdo e à utilização de alguns sinais retóricos. Tal aproximação foi enfaticamente reivindicada por Max Brückner⁹, em 1896, que praticamente abre um debate intenso sobre as aproximações e distanciamentos em relação a Procópio e Tucídides, apoiando as declarações realizadas por A. Duwe¹⁰ e Hermannus Braun¹¹, em 1885 e 1886. Segundo Diether Roderich Reinsch (2006: 760), na opinião de Brückner a audiência do século VI esteve sempre um nível abaixo das capacidades intelectuais dos gregos na época de Péricles, e Procópio claramente não escapa à regra, realizando apenas uma imitação imperfeita do seu modelo clássico, representando uma possível “mentalidade bizantina”, inferior à inteligência tucidideana. O argumento principal desta forma de análise da obra procopiana é o estabelecimento de inverdades em prol de uma imitação rígida e incoerente dos modelos gregos. Na tentativa de estabelecer um argumento diferente Haury, em 1896 e Soyter, em 1951, destacam a experiência pessoal de Procópio nos eventos narrados em sua obra. O ataque da peste é uma situação emblemática na defesa da criatividade procopiana. Os autores dessa vertente alegavam que os detalhes da

⁸ Sobre a estrutura dos manuscritos, ver: KALLI, Maria K. *The Manuscript tradition of Procopius' Gothic Wars: a reconstruction of family y in the light of a hitherto unknown manuscript* (Athos, Lavra H-73). Leipzig: K. G. Saur, 2004, p. 5-6 e GARCÍA ROMERO, Francisco Antonio. Introducción, traducción y notas. In.: PROCÓPIO. *História de las guerras: libros I-II Guerra Persa*. Madrid: Gredos, 2000, p. 20-21.

⁹ BRÜCKNER, M. *Zur Beurteilung des Geschichtsschreibers Prokopius von Caesarea*. Programm Gymn. Ansbach, 1896.

¹⁰ DUWE, A. *Quatenus Procopius Thucydidem imitatus sit*. Programm Gymm, Jever, 1885.

¹¹ BRAUN, H. *Procopius Caesariensis quatenus imitatus sit Thucydidem*. Tese doc. Erlangen, 1886.

epidemia, dificilmente poderiam ser atribuídos apenas a uma inspiração literária, baseada na descrição da peste que acometeu os atenienses no século V antes de nossa Era. Pois, se os historiadores bizantinos admiraram as narrativas do período clássico e procuraram se aproximar de suas características, também estavam inseridos num contexto político, social e militar e também tiveram que lidar com situações tais como epidemias e batalhas.

O debate moderno sobre a *imitatio* dos clássicos envolveu a análise e investigação de muitas obras bizantinas, como as de Agatias, João Cantacuzeno, Prisco, Eusébio de Cesaréia, Menandro Protector, Anna Comnena entre outros. Mas é interessante destacar que Procópio aparece sempre como ponto de partida destas análises, sendo o principal autor bizantino pesquisado até a primeira metade do século XX.

Segundo Diether Roderich Reinsch (2006: 762), Procópio adquiriu popularidade dentro e fora do campo de estudos bizantinos. Em 1876, o autor alemão Felix Dahn, publica uma obra de ficção histórica na qual Procópio aparece não apenas como fonte de informações, mas como personagem. O enredo do romance aborda as campanhas contra os Godos no século VI e a *Guerra Gótica* Procopiana foi a principal inspiração para a composição de Dahn. No prefácio da obra, o autor alemão destaca a característica literária das informações fornecidas e cenários descritos¹², mas aponta como fundamental seus estudos sobre o historiador bizantino¹³.

No cenário acadêmico, a primeira análise de *imitatio* de Tucídides, realizadas por Braun, dividiu pedagogicamente a obra procopiana pelo critério do tema ou do assunto abordado. A fragmentação adotava a seguinte ordem: *Proemium, Tempus et loca, Vitae ac mores, Orationes et epistulae, Morbi, Bellum et pax, Pugnae, Obsidiones*. O objetivo dessa análise foi divulgar resultados sobre a popularidade de Tucídides no século VI e determinar a autoria de Procópio, pela obra *História Secreta*, através da identificação de traços da *imitatio*. Um ano depois Duwe também apresentou uma divisão do *corpus* procopiano, adotando o critério dos elementos formais do discurso. Tal divisão

¹² “By referring to these works, the reader may distinguish the details and changes which the romance has added to the reality [...] The character of the Roman hero of the story, Cethegus Cæsarius, is a pure invention. That such a person existed is, however, known” (DAHN, 1878). Todas as informações sobre a obra de Dahn foram retiradas da edição inglesa, traduzida por Lily Wollffsohn, em 1878.

¹³ “These pictures of the sixth century originated in my studies for the following works: ‘The Kings of the Goths’, vol. ii., iii., iv. Munich and Würzburg, 1862-66. ‘Procopius of Cæsarea: a contribution to the historiography of the migration of nations and the decay of the Roman Empire’. Berlin, 1865” (DAHN, 1878).

respeitava a seguinte ordem: *sententiae, locutiones, singula vocabula, syntactica, structurae*. Somente em 1914, uma divisão similar foi efetuada na obra de Agatias (REINSCH, 2006: 762).

A forte vinculação das análises iniciais sobre a escrita bizantina com as obras da antiguidade clássica pode ser melhor entendida considerando o contexto do nascimento do campo de estudos bizantinos como área específica do conhecimento. O termo “História Bizantina” se torna conhecido, principalmente, a partir da publicação de uma coleção de fontes escritas em grego intitulada *Corpus Historiae Byzantinae*, em 1557, pelo alemão Hieronymus Wolf. O campo de pesquisa surge, entretanto, sem uma clara separação entre os estudos gregos e os estudos bizantinos, impossibilitando a conformação de um saber apartado dos clássicos, ainda que indicasse uma especificidade da produção bizantina. Para Leónidas Mavromatis (1990-91: 65) os estudiosos ocidentais modernos da língua e cultura grega que admiravam a antiguidade se negavam a reconhecer a identidade romana de um império que havia se reconhecido assim¹⁴, por isso elegeram a palavra “bizâncio” para demarcar um campo de análises.

É interessante notar que essa articulação entre a experiência bizantina e a cultura grega nos estudos acadêmicos se relaciona com o contexto político e ideológico das nações hodiernamente envolvidas. A revolução grega, no início do sec. XIX, por exemplo, foi apoiada pelos franceses liberais que incentivavam a recusa ao passado bizantino dos gregos. Segundo Cyril Mango (1965: 36-37) o mito do “helenismo romântico”, que se desenvolveu na segunda metade do século XVIII, promoveu um radical “classicismo acadêmico” e com a Revolução Francesa uma explosão de motivos gregos e romanos nos período clássicos, incluindo objetos e referências discursivas.

Entretanto, a impossibilidade de reconhecer na nação grega moderna a projeção da perfeição clássica, segundo Mango (1965: 39-40) criou possibilidades de se reformular a relação com o passado bizantino. Resultado dessa nova postura foi o desenvolvimento da “Grande Idéia”, ou o desejo de reunir em um mesmo governo grego, Constantinopla e as províncias turcas com população grega. Além disso, um novo elemento desponta:

¹⁴ Os bizantinos se autodenominavam Romanos e se perceberam como herdeiros diretos do império de Cesar e Augusto. Com a *translatio imperii* operada por Constantino, no século IV, Constantinopla se torna a “Nova Roma”, protegida pela Virgem Maria. Cyril Mango (1965: 30-31) dirá que, para os bizantinos, existiram quatro impérios, como indicado pelos profetas Daniel e Zacarias – os Assírios, os Persas, os Macedônicos e os Romanos. Dentro dessa mentalidade, quanto Constantinopla caísse, o mundo também teria chegado ao fim.

“o despertar da Bulgária, sob estímulo russo, e a reivindicação de sua parcela da herança bizantina” (MANGO, 1965: 41). Para minar o discurso búlgaro, foi necessário expor uma sociedade bizantina completamente grega, “na língua, no espírito e na essência de sua civilização” (MANGO, 1965: 41).

Mas foi principalmente com a contribuição de Constantino Paparrigopoulos que vemos o real esforço de relacionar a experiência bizantina com a grega. Ao definir a continuidade de Homero ao Rei Otto, na sua *História da Nação Grega*, publicada em seis volumes, entre 1860 e 1877, segundo Cyril Mango (1965: 40-41) o autor defende a idéia de que o helenismo, mesmo que corrompido na Idade Média pelos elementos orientais e bárbaros, nunca se perdeu, em essência. Tal afirmação permitiu que Paparrigopoulos definisse muito imprecisamente o que foi o real helenismo e o que foi adulteração.

Apesar da oscilação de aproximações e distanciamentos entre a civilização bizantina e a grega, atualmente o esforço para historicizar e compreender melhor a experiência bizantina é notável. Termos como “bizantinismo”, “cesaropapismo”, “autocracia”¹⁵ que por muito tempo funcionaram como rótulos estão sendo repensados como reais categorias de análise.

Considerando as questões apresentadas não é surpreendente que a história bizantina, enquanto campo de investigação tenha um aparato teórico pouco desenvolvido em relação às outras unidades de sentido da disciplina histórica. Os gregos e os romanos, os cruzados e renascentistas despertaram maior atenção da parte dos estudiosos e a consequência disto é uma enorme diferença na quantidade de trabalhos e críticas abordando esses assuntos em relação à temática bizantina. Essa situação, obviamente, não envolve apenas a vontade ou a falta dela em pesquisar os elementos da sociedade bizantina, mas as fontes disponíveis para análise, as traduções e a seriedade do que tem sido desenvolvido.

Staffan Wahlgren (2010: 527), por exemplo, destaca que a literatura bizantina tem sido pouco estudada, principalmente, porque o grego bizantino foi, por muito tempo, considerado um registro idêntico ao grego antigo. O resultado disso é a falta de análises

¹⁵ Para uma maior compreensão desses termos e da reformulação de seus sentidos, ver: ANGELOV, Dimiter G. *The Making of Byzantinism. The First Annual Kokkalis Graduate Student Workshop*, Harvard University, 1999. pp. 1-10. e MANGO, Cyril. *Byzantinism and Romantic Hellenism. Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 28 (1965), pp. 29-43.

que considerem a produção literária bizantina como um conjunto que comporta um sentido e uma dinâmica própria, capaz de produzir critérios argumentativos específicos e uma relação autêntica com o público. As tentativas para compreender a produção literária em bizâncio devem, portanto, tomar como aberta a certeza até então colocada da existência de uma separação entre um “alto registro da língua” caracterizada pela imitação dos clássicos e do “baixo registro” da língua falada. Segundo Wahlgren (2010: 528), somente com base num trabalho mais intenso de descrição e comparação interna dentro do *corpus* de textos bizantinos pode-se promover uma ampliação interpretativa da sua produção literária.

Apesar das deficiências, gradativamente o diálogo entre pesquisadores e o surgimento de novas questões têm ampliado e aprofundado o campo de estudos sobre o império bizantino. Numa perspectiva inovadora, Anthony Kaldellis (2007b: 1), por exemplo, produz uma análise sobre como a verdade histórica foi constituída entre os bizantinos, a partir da consideração da estrutura mental e das habilidades intelectuais que guiaram a referência ao passado entre os escritores, presente não apenas na escrita da história, mas em outros gêneros literários. Kaldellis (2007b:1) explica que muitos estudos têm, atualmente, abordado a forma como os bizantinos viram seu passado e como eles articularam as tradições Romana e Cristã, criando uma marca autêntica, mas pouco se pensou sobre um eminente “pensamento histórico” propriamente bizantino.

Algumas fontes têm papel central nas análises produzidas, seja pelo maior conhecimento que temos delas, seja pela integridade com a qual chegou até nós, como Eusébio de Cesareia, Procópio de Cesaréia, Constantino VII Porfirogeneta, Michel Psello, Anna Comneno.

A obra de Procópio de Cesaréia é a fonte principal de muitas informações que temos do século VI. As três obras que produziu: *História das guerras*, *História Secreta* e *Edifícios* podem ser adquiridas integralmente e apresentam o reinado de Justiniano sob muitos e diferentes ângulos. Procópio é, talvez, o autor que possui mais obras de estilos diferentes e isso, conseqüentemente, acarreta uma maior atenção à sua produção. Ele foi o foco de interesse, por exemplo, das considerações sobre a atitude dos historiadores classicistas no contexto bizantino e sobre como esses autores não somente usaram os modelos clássicos para melhorar o estilo de seus textos, mas também para definir o

caráter de seus protagonistas. Em 1974, Bormann¹⁶ publica um material que fazia referência à forma como o Péricles tucidideano se torna visível na imagem que Procópio fornece de Teodorico na *História das Guerras*.

Em 1985, Averil Cameron¹⁷ publica um trabalho sobre a relação entre Procópio e o sexto século. Introduzindo o leitor nos debates até então produzidos a respeito da obra deste historiador e apresentando as principais problemáticas referentes à sua vida, credo religioso e relação entre suas distintas obras. A inserção do autor do conteúdo literário e político é o ponto central do trabalho e tornou-se obra de referência aos estudos posteriores sobre Procópio.

De maneira geral, avaliando o arsenal interpretativo produzido sobre Procópio de Cesaréia, é possível perceber alguns focos que correspondem quase a “rótulos de análise” em relação à obra e seu autor. Num primeiro momento, Procópio é visto como o representante máximo de uma atitude classicista, caracterizada estreita imitação dos modelos clássicos. A partir do que foi discutido anteriormente, podemos afirmar que as considerações de A. Duwe (1885), Hermannus Braun¹⁸ (1886) e Max Brückner (1896) compartilham essa percepção em relação à obra procopiana. A grande questão que envolveu esses pesquisadores versava sobre a autenticidade ou não das informações contidas nas obras dos autores bizantinos. Assim, as *Histórias* bizantinas eram encaradas como uma coleção de informações úteis, na qual os itens podiam ser destacados e examinados apenas por seu valor de verdade. A obra de Procópio apresentava-se como uma escrita deslegitimada enquanto narrativa histórica. A descrição da peste que acometeu os bizantinos em 542, elaborada por Procópio, é um ponto de percepção privilegiado para as abordagens que enfatizam a imitação dos clássicos. Pela semelhança com a narrativa da peste tucidideana, por algum tempo a experiência epidêmica de Procópio foi colocada em questão. A relação entre os sintomas e a semelhança na forma de acompanhar o desenvolvimento da doença entre as obras dos historiadores grego e bizantino forneceu instrumentos para as afirmações do caráter puramente literário do texto bizantino.

¹⁶ BORMANN, F. Motivi Tucididei in Procopio. *A & R*, p. 138-150, 1974.

¹⁷ *Procopius and the sixth century*. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 1985.

¹⁸ Hermannus Braun posiciona Procópio como um imitador de Tucídides e Heródoto, principalmente, porque, segundo ele “consta ter sido aquelas obras gregas maravilhosas, não só para a admiração, mas depois também para a imitação e estimulação [inspiração] entre todos” (BRAUN, 1885: 1).

Em outro momento, a historiografia desenvolvida sobre Procópio de Cesareia destacou o elemento religioso. A grande questão girava em torno da religião professada pelo historiador. As críticas de Procópio à imperatriz Teodora, certamente, proporcionaram um lugar de destaque ao historiador frente à Igreja Católica que sempre avaliou como muito negativa as atitudes da esposa de Justiniano e sua defesa a favor dos monofisistas. James Allan Stewart Evans (1968: 126) destaca que quando a obra *História Secreta* foi encontrada no Vaticano e publicada, expondo os detalhes escandalosos da imperatriz¹⁹, seu primeiro editor Nicholas Alemannus comentou que as informações descritas por Procópio não necessitavam de outras evidências, já que qualquer coisa se deve esperar de uma mulher que subverteu o Concílio da Calcedônia. De forma geral, a maioria dos estudos admitia o cristianismo de Procópio e destacava que o nome do historiador tinha vínculos com as convicções cristãs de sua família, já que foi o nome de mártir da Palestina, como Berthold Rubin²⁰ (1954: 286-291) afirma. Averil Cameron (1996: 113) destacou, numa perspectiva mais atualizada, a questão religiosa na obra de Procópio. Segundo essa autora, talvez devido à preocupação com os limites de objetividade em sua escrita, é quase impossível rastrear alguma declaração direta acerca da sua crença; por outro lado, a atribuição de um caráter cético aos trabalhos de Procópio não é convincente, porque parece quase inegável a influência religiosa nas suas três obras, uma vez que elas comportam suposições de providência divina²¹, da polaridade entre o bem e mal²², bem como apresentam a relação do imperador com o sobrenatural²³ e a

¹⁹ Em oposição às considerações católicas, na tradição eslava, Teodora é apresentada como a mais bela e sábia mulher. Para a tradição siríaca monofisista, sua imagem está envolta positivamente em lendas. Para uma análise mais completa da imagem de Teodora na tradição siríaca, ver: HARVEY, Susan A. Theodora the 'Believing Queen': a study in syriac historiographical tradition. *Hugoye: Journal of Syriac Studies*, v. 4, n.2, 2001. Disponível em: <<http://syrcom.cua.edu/Hugoye/Vol4No2/HV4N2Harvey.html#FN61>>. Acesso em: 10/01/2010.

²⁰ RUBIN, B. *Prokopios von Kaisareia*. Stuttgart, 1954.

²¹ “Para este desastre,[...] não há maneira de expressar com palavras um motivo nem de concebê-lo mentalmente, salvo que nos remontemos à vontade de Deus” (*Guerras Persas*. II, 22,2).

²² “Dizem também que um monge muito querido por Deus,[...] foi enviado a Bizâncio para interceder pelos habitantes que viviam em suas proximidades, os quais eram objetos de violências e injustiças intoleráveis[...]; que ao chegar aqui conseguiu audiência, junto ao imperador, porem quando se dispunha a entrar junto a ele, ao cruzar o umbral que havia ali com um pé, de repente retrocedeu dando um passo atrás[...] Quando os que o acompanhavam o perguntaram porque havia feito isto, dizem que ele afirmou resolutamente que havia visto o príncipe dos demônios sentado no Palácio sobre o trono e que não podia nem considerar ter trato com ele ou pedir-lhe nada” (*História Secreta*. XII, 24, 27).

²³ “Algumas pessoas que o acompanhavam até altas horas da noite e residiam no Palácio,[...] creram ver uma espécie de estranha aparição demoníaca em seu lugar. Um em efeito dizia que Justiniano,

possibilidade do milagroso²⁴ (CAMERON, 1996: 113). Apesar do Império Bizantino ser, muitas vezes, abordado como referência e berço de uma atividade cristã, não vemos em Procópio uma atitude militante na defesa do cristianismo, e em mais de uma passagem em suas obras encontramos ligação com crenças populares e críticas à religião oficial. Por outro lado, no escrito procopiano intitulado *Sobre os edifícios* (*De aedificiis*), vislumbramos uma postura exemplarmente cristã, por parte do autor, porém não devemos radicalizar as afirmações sobre sua crença religiosa nesta obra, visto que aquela possui um caráter oficial (CAMERON, 1996: 123-124). A resolução de tal impasse encontra sua melhor formulação na crença de que Procópio era um cristão, mas, como um “intelectual”, não desconsiderava as outras manifestações religiosas. Além disso, a maioria de suas críticas, embora ligada ao fenômeno cristão, dirige-se, mais diretamente, à figura e ações do imperador Justiniano.

A obra *História Secreta* permaneceu por muito tempo desconhecida, quando em 1623 foi encontrada na Biblioteca do Vaticano e ganhou centralidade nas discussões. A enorme diferença do estilo e conteúdo em relação às outras obras, *História das Guerras* e *Edifícios*, levantou suspeitas quanto à real autoria de Procópio. Esforços foram investidos para comprovar ou não a vinculação da narrativa com Procópio. Jakob Haury²⁵ em 1891 encontrou uma uniformidade de estilo entre as obras de Procópio e fixou a data de escrita da *História Secreta*, em 550. A partir daí a autoria de Procópio foi reforçada em outros estudos. O foco na problemática da relação entre a *História Secreta* e as outras obras parece apresentar um Procópio “politizado” ou “panfletário”, porque a obra está repleta de uma crítica muito negativa e exagerada em relação aos personagens: Justiniano, Teodora, Belisário e Antonina. Alguns historiadores tentaram posicionar Procópio num grupo político descontente com o imperador, mas a extensão e

levantando-se de repente do trono imperial, dava passeios por ali,[...] e que ainda quando sua cabeça desaparecia repentinamente, o resto de seu corpo parecia percorrer os corredores durante horas[...] Outro dizia que estando de pé junto a ele quando se encontrava sentado viu de repente como seu rosto se converteu em uma espécie de massa de carne indistinta, pois carecia de sobrancelhas[...] Porém, passado um tempo o foi possível ver como regressavam os traços de sua cara” (*História Secreta*. XII, 21, 23).

²⁴ “Pouco antes deste triste sucesso, Deus, mediante a manifestação de um milagre, lhes indicou aos que naquele lugar habitavam o que ia ocorrer” (*Guerras Persas*. II, 10).

²⁵ HAURY, J. Procopiana. *Programm des Königlichen Realgymnasiums Augsburg für das Studienjahr. Augsburg, 1890/91*, p. 9–27. Também no artigo publicado em 1936, Haury retoma algumas questões sobre a autoria da *História Secreta*. Ver: HAURY, J. Prokop verweist auf seine Anekdoten. *Byzantinische Zeitschrift*. v. 36, p. 1–4, 1936

atuação de tal resistência é impossível de ser precisada. Berthold Rubin (1960: 204-237) chega a conjecturar que Procópio fazia parte de um esquema abertamente hostil ao imperador. Evans (1968: 137) não afirma categoricamente tal possibilidade, mas pontua que é interessante mostrar como os sentimentos negativos, nesse momento, em relação ao governo foram compartilhados e como o fato de Procópio ter nascido em Cesaréia, portanto possuindo origens orientais, pode ter contribuído para a desmotivação emocional do autor em relação ao plano de *renovatio* imperial, pois no movimento de Justiniano rumo à reconquista das regiões ocidentais, os persas tomavam vantagem no oriente bizantino, e chegaram a dominar a Antioquia, uma região rica e muito importante para o Império.

Quando o a atenção das análises se desloca da composição da *História Secreta* para a relação entre as obras e o contexto do historiador, surge um Procópio “fora de seu tempo”, um “estranho” no sexto século bizantino, um Procópio *outsider*²⁶. Segundo Geoffrey Greatrex (2000: 215), Procópio foi visto assim, principalmente por dois motivos: 1) foi talvez o único escritor antigo e certamente o único bizantino que produziu três obras muito diferentes sobre o mesmo contexto; 2) foi visto como um crítico solitário num império totalmente controlado por Justiniano. A necessidade de analisar a produção procopiana inserida numa dinâmica social, cultural e política, levou a uma discussão sobre essas questões. As semelhanças lingüísticas das obras, principalmente entre a *História das Guerras* e a *História Secreta* foram novamente levantadas²⁷, Greatrex (2000: 217) afirma que as duas obras foram escritas numa mesma inspiração classicista que oferecia um amplo escopo de possibilidades literárias. Além disso, Procópio não é o único a expressar críticas ao poder imperial, Evagrio e Agatias também escreveram sobre as ações negativas dos imperadores e mesmo dentro das convenções classicistas havia espaço para apresentação crítica do material.

Concentrando a atenção no elemento classicista, não mais como mera imitação, mas como inspiração para os trabalhos dos historiadores bizantinos, Procópio é visto como um representante, talvez o último herdeiro de uma longa tradição iniciada na

²⁶ O termo em inglês parece reunir melhor o sentido da afirmação e foi apresentado por Geoffrey Greatrex, em 2000.

²⁷ No prefácio da *História das Guerras* Procópio afirma que “ não ocultou as falhas [ta mokhthêra] de seus mais íntimos conhecidos” essa afirmação pode ser compara com as palavras da *História Secreta* (1.10) “eu procederei o relato, primeiramente, todas as ações [ta mokhthêra] cometidas por Belisário; e depois eu revelarei as ações [ta mokhthêra] cometidas por Justiniano e Teodora”

Antiguidade clássica. Roger Scott e Margaret Mullett assumem esse foco. Para os autores Procópio é certamente um dos últimos escritores da tradição clássica, pois encontramos em seu prefácio da *Guerra Persa*, uma mescla de influências herodoteanas e tucidideanas, além da atribuição da grandeza de seu objeto, como nos antigos escritores (SCOTT; MULLETT, 1981: 72). Entretanto, Procópio ressalta o caráter grandioso do seu conteúdo, a partir de uma comparação estranha com os arqueiros do tempo de Homero. Assim, é preciso considerar a sagacidade procopiana que, seguindo os modelos clássicos, consegue, ainda que muito sutilmente, “jogar” com essa herança, produzindo uma narrativa autêntica. Essa atitude literária de Procópio, segundo Scott e Mullett (1981: 72) indica o fim de uma tradição clássica. A partir do século VII, poderíamos apontar o surgimento de uma escrita da história bizantina, de fato, com características muito diferentes de Tucídides ou Heródoto.

É importante perceber que esses “rótulos interpretativos”, a saber, de um Procópio imitador, cristão, panfletário, *outsider* e classicista não se desdobram em estudos consecutivos, mas representam mudanças de foco nas análises e muitas vezes se sobrepõem num mesmo momento ou num mesmo autor, em diferentes trabalhos. Esse esquema é pertinente para apresentar o resultado de algumas décadas de interesse pela composição procopiana, numa tentativa de pensar as diferentes formas de análise que temos do historiador em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A) Documentos Textuais

JUSTINIAN. *Corpus Juris Civilis*. Tradução de S.P. Scott. Cincinnati: Central Trust Company, 1932.

PROCOPIO. *Historia Secreta*. Traducción de Juan Signes Codoñer. Madrid: Gredos, 2000.

PROCOPIUS. *History of the wars: Books I – II*. English translation by H. B. Dewing. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

_____. *Buildings*. English translation by H. B. Dewing. London: Harvard University Press, 1996.

PROKOPIOS. *Suda on line*. Trad. Malcolm Heath. 09 de maio de 2002. Disponível em: <http://www.stoa.org/sol-bin/search.pl?searchstr=Procopius&field=hw_eng>. Acesso: 10 de agosto de 2008.

B) Obras Gerais

ANGELOV, Dimiter G. Emperors and Patriarchs as Ideal Children and Adolescents: literary conventions and cultural expectations. In.: PAPACONSTANTINO, Arietta; TALBOT, Alice-Mary. *Byzantine Children and Childhood in Byzantium*. Washington: Dumbarton Oaks, 2009, pp. 85-126.

_____. The Making of Byzantinism. *The First Annual Kokkalis Graduate Student Workshop*, Harvard University, 1999. P. 1-10. Disponível em: <<http://www.hks.harvard.edu/kokkalis/GSW1/GSW1/01%20Angelov.pdf>>. Acesso em 08/11/2010.

BAILLY, Anatole. *Abrégé du dictionnaire Grec Français*. Paris : Librairie Hachette, 1901

BRAUN, Hermannus. *Procopius Caesariensis quatenus imitatus sit Thucydidem*. Erlangen: Typis Jungii et Filli, 1885.

BROWN, Peter. *Pouvoir et persuasion dans l'antiquité tardive*. Paris: Du Seuil, 1998.

CAMERON, Averil. *Procopius and the sixth century*. London: Routledge, 1996.

_____; CONRAD, Lawrence I. (ed.). *The Byzantine and early Islamic Near East, I: Problems in the literary source material*. Papers of the First Workshop on Late Antiquity and Early Islam. Princeton, NJ: Darwin Press, 1992.

_____; CAMERON, Alan. Christianity and tradition in the historiography of the Late Empire. *The Classical Quarterly*, v. 14, n. 2, p. 316-328, 1964. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/637735>>. Acesso em: 17/01/2010.

CATAUDELLA, Michele. F. Historiography in the East. In.:MARASCO, Gabriele (ed.). *Greek and Roman historiography in late antiquity: fourth to sixth century A.D.* Leiden; Boston: Brill, 2003. pp. 391-447.

CAVALLO, Guglielmo. *Lire à Byzance*. Paris: Les Belles Lettres, 2006.

EVANS , James Allan Stewart. Procopius of Caesarea and the Emperor Justinian. *Historical Papers / Communications historiques*, vol. 3, n° 1, p. 126-139, 1968.

FLOYD, Edwin D. The Sources of Greek "Ἰστωρ" "Judge, Witness". *Glotta*, v. 68, p. 157-166, 1990. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40266862>>. Acesso em: 04/10/2010.

GIBBON, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. Boston: Phillips, Sampson, and Company, 1985.

GREATREX, Geoffrey. Procopius the outsider? In.: SMYTHE, Dion C. (ed.). *Strangers to Themselves: The Byzantine Outsider: Papers from the Thirty-Second Spring Symposium of Byzantine Studies*, University of Sussex, Brighton, March 1998. Ashgate, 2000, pp. 215-228.

_____. *The Classical Past in the Classicising Historians*, In.: *The reception of Classical Texts and Images. Open University Conference*, 1996. Disponível em: <<http://www2.open.ac.uk/ClassicalStudies/GreekPlays/conf96/greatrex.htm>>. Acesso em: 03 de agosto de 2010.

HARRIS, Jonathan (Ed.). *Palgrave advances in byzantine history*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

JENKINS, Romilly J. H. The Hellenistic Origins of Byzantine Literature. *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 17, pp. 38-52, 1963. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1291189>>. Acesso em: 04/10/2010

MANGO, Cyril. Byzantinism and Romantic Hellenism. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 28 (1965), pp. 29-43. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/750662>>. Acesso em: 08/11/2010.

NORRIS, Frederick W. Greek Christianities. In.: CASIDAY, Ausutine; NORRIS, Frederick W. *The Cambridge history of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 70-117.

PAPAIOANNOU, Stratis. The aesthetics of history: from Theophanes to Eustathios. In.: MACRIDES, Ruth (ed.). *History as literature in Byzantium: papers from the Fortieth Springs Symposium of Byzantine Studies*, University of Birmingham, April 2007. Surrey: Ashgate, 2010. Pp. 3-21.

PAPALEXANDROU, Amy. A cultura da memória em Bizâncio. In. JAMES, Liz (ed.). *A companion to Byzantium*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 108-122.

PRESS, Gerald Alan. *The development of the idea of history in antiquity*. Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 1982.

REINSCH, Diether Roderich. Byzantine adaptations of Thucydides. In.: RENGAKOS, Antonios; TSAKMAKIS, Antonios. *Brill's Companion to Thucydides*. Leiden: Brill, 2006, pp. 755-778.

RUBIN, Berthold. *Das Zeitalter Iustinians*. Berlin: W. de Gruyter, 1960

SCHEPENS, Guido. History and *Historia*: inquiry in the Greek Historians. In.: MARINCOLA, John (ed.) *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Malden, MA, and Oxford: Blackwell Publishing, 2007, pp. 39-55.

SCOTT, Roger. Malalas, The Secret History, and Justinian's Propaganda. *Dumbarton Oaks Papers*, v. 39, 1985, pp. 99-109.

_____; MULLETT, Margaret. *Byzantium and the classical tradition*. Birmingham: Centre for Byzantine Studies, 1981.

ŠEVČENKO, Ihor. The Search for the Past in Byzantium around the Year 800. *Dumbarton Oaks Papers: Homo Byzantinus: Papers in Honor of Alexander Kazhdan*, vol. 46, pp. 279-293, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1291661>>. Acesso em: 04/10/2010

VASILIEV, Alexander A. *Historia del Imperio Bizantino*. Espanha: Iberia, 1945.